

# EDUCAÇÃO FÍSICA E SAÚDE: POR QUE AMPLIAR O CONCEITO E PENSAR EM NOVAS POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS? REFLEXÕES A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS COM A SAÚDE COLETIVA E SALUTOGENIA

Jofre Vinicius Santana Barros  
Leonardo dos Santos  
Keyte do Santos Matos  
Luciana Caroline Pina Garcia  
José Roberto de Santana  
Cristiano Mezzaroba

## INTRODUÇÃO

Neste texto buscamos apresentar a experiência partilhada entre acadêmicos e professores do curso de Educação Física Licenciatura na realização da oficina “Saúde, Mídia e Educação Física” oferecida pelo Grupo LaboMídia/UFS<sup>1</sup> na *IX Semana de Educação Física* promovida pelo Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe, ocorrida em abril de 2012.

Realizamos a oficina com a pretensão de discutir alguns conceitos acerca da saúde, partindo da ideia de oportunizar um espaço para diferentes opiniões, na tentativa de formar um debate sob diversos pontos de vista, incluindo nessa discussão a relação entre saúde e mídia, utilizando como referência definições mais “populares” de saúde na Educação Física escolar. Entre tais conceitos, trabalhamos basicamente com o de caráter médico, ou seja, a saúde entendida como a ausência de doenças; o conceito defendido pela Organização Mundial da Saúde (OMS), que é o de bem-estar completo; e ainda outras definições ou elementos apresentados e explorados pela mídia no que diz respeito à saúde, assim como alguns problemas carregados pela difusão desses

<sup>1</sup> Informações sobre o grupo da Universidade Federal de Sergipe podem ser encontradas em: <http://labomidia.ufs.br/>. Já no site <[www.labomidia.ufsc.br](http://www.labomidia.ufsc.br)> podem ser acessadas todas informações e publicações do Grupo LaboMídia/UFSC, que congrega diversos grupos espalhados pelo país.

mesmos conceitos.

A necessidade de construir um conceito mais amplo e condizente com a realidade que presenciamos diariamente nas escolas, nas comunidades e na própria sociedade em geral nos impulsionou a refletir sobre a saúde não no sentido de algo mais completo e acabado, mas sim, num sentido mais problematizador de situações, ou seja, pensar na saúde para além dos fatores biológicos, sem desconsiderá-los obviamente. Isto é, considerar também a preocupação com fatores sociais, políticos, econômicos e culturais, como é pensado nas concepções de **Salutogenia** e **Saúde Coletiva**.

Na tentativa de tornar este um acontecimento mais próximo da realidade, buscou-se desenvolver uma política de discussão sobre os desdobramentos dessas problemáticas no âmbito escolar, referindo-se especialmente, ao compromisso e responsabilidade da Educação Física (EF). Para isso, o foco nas discussões foi, principalmente, pensar/abordar como os professores podem e devem utilizar e mediar os recursos e discursos que são propagados por profissionais da área da saúde e dos meios de comunicação em suas ações pedagógicas.

Nesta oficina, portanto, foram apresentados três exemplos de intervenções possíveis em sala de aula:

- a) uma tarefa envolvendo a questão econômica das pessoas com relação à saúde;
- b) exibição do filme “Maus Hábitos”, que explora os diversos fatores que definem saúde;
- c) proposição de elaboração de um texto em forma de “carta”.

Todas estas tarefas foram propostas com a intenção de melhorar a compreensão acerca do tema desenvolvido ao longo dos dois dias no período matutino em que fora realizada a oficina.

Neste texto, portanto, resgatamos a discussão conceitual do tema saúde na Educação Física Escolar. Em seguida, são feitas considerações acerca da *Saúde Coletiva* e da *Salutogenia*, como possibilidades à Educação Física Escolar. Num terceiro momento, abordamos as questões em torno da saúde, mídia e EF – trazendo, já, as questões introdutórias da própria experiência

com a oficina. Na sequência, descrevemos as tensões e vivências da intervenção. E por fim, ainda tratando da intervenção pautada na Saúde Coletiva e na Salutogenia, pensamos em outras possibilidades e construções dedicadas ao tema *Saúde* na Educação Física Escolar.

## **RESGATANDO E DISCUTINDO ALGUNS CONCEITOS E DISCURSOS EM TORNO DO TEMA SAÚDE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Desde que a EF foi inserida nas escolas brasileiras foi preciso que se elaborassem discursos para “convencer” as pessoas e a sociedade em geral de sua importância. Tais discursos não escaparam da influência de outros campos da sociedade, em especial, o campo militarista, político, médico, e sem dúvida, o campo educacional. A construção desses discursos, e suas sistematizações, davam-se sobre os argumentos de melhorar a saúde, a raça e disciplinar os corpos, através, principalmente, de atividades físicas como a ginástica (inicialmente) e os esportes (atualmente), elegendo-os como dispositivos para manutenção e promoção da saúde.

Até os dias atuais, esses discursos se mostram presentes, mas, paradoxalmente vazios no campo da EF, principalmente através de profissionais da área que acreditam adotar as concepções que abordam de forma específica o tema saúde dentro da escola, argumentando que nas próprias práticas corporais (geralmente confundidas com o reducionista conceito de *atividades físicas*) exigidas nas aulas de EF estão inseridos os conhecimentos e as formas de se chegar à promoção da saúde, conforme considerações e provocações de Mezzaroba (2012).

Na tradição da formação de professores de EF, podemos perceber que tais profissionais, bem como seus alunos, ainda consideram que a EF tem, resumidamente, como objetivo primordial, melhorar a saúde da população brasileira através da adesão a práticas de atividades físicas, contexto semelhante ao de décadas atrás, bem ilustrado por uma entrevista concedida por Lino

Castellani Filho ao grupo ETHNÓS<sup>2</sup> em 2005, em que ele fala que os professores de sua formação diziam:

Olha! Vocês fiquem tranquilos. Nós sabemos qual é o papel da Educação Física, qual é o objetivo da Educação Física. A Educação Física está aí pra dar conta do aprimoramento da aptidão física da população brasileira. A Educação Física está aí dentro das escolas pra melhorar a aptidão física dos educandos [sic!]. Sabemos exatamente qual é o conhecimento que vocês precisam adquirir pra cumprir com esse objetivo. Então não se preocupem. Vocês vão passar três anos aqui nesta escola só aprendendo aquilo que nós dissermos ser necessário aprender (CASTELLANI FILHO *et al*, 2009, p.187).

Isso representa diversas coisas, desde o domínio pleno do professor sobre o conhecimento até o objetivo firmemente determinado para o compromisso e responsabilidade da Educação Física Escolar (EFE). Mas, esse determinismo passou a ser abalado nas últimas décadas, pois como já havíamos dito, o campo da EF, assim como todas as outras áreas do conhecimento, sofrem influências de outros campos. E os anos 80 foram fundamentais para propiciar condições a esses abalos ou crise sobre a “verdade absoluta da EF”, em virtude do provocante sentimento de abertura democrática no Brasil, que no campo acadêmico e educacional faziam as áreas pensar sobre as possibilidades e formas de (re) constituir um país mais justo e verdadeiramente democrático.

Este motivo principal, e outros pormenores que se desdobravam no contexto nacional daquela época, possibilitaram que a EF refletisse sobre o seu papel no contexto escolar de modo que pudesse contribuir para com os objetivos da educação escolar, que resumidamente podem ser compreendidos como a formação de cidadãos críticos, autônomos e emancipados. Assim, daquele período até os dias de hoje assistimos um esforço, ao menos no

---

<sup>2</sup> Trata-se do Grupo de Pesquisas Estudos Etnográficos em Educação Física e Esporte, coordenado por Marcílio Souza Júnior.

campo acadêmico, em criticar os discursos até então vigentes sobre o paradigma da aptidão física.

É justamente nesse esforço acadêmico que desejamos compartilhar nossa experiência, não só de “crítica aos discursos”, mas também em ampliar o olhar para novas formas de trabalhar os conteúdos da EF, em especial, àqueles conteúdos que tem como foco a temática da “saúde” (ou como *tema transversal*), por considerarmos, neste texto, um tema altamente relevante e presente em nosso cotidiano.

Desse modo, apresentamos algumas discussões em torno dos principais conceitos de saúde já construídos, seja em torno das inúmeras críticas tecidas ao conceito defendido pela Organização Mundial da Saúde (OMS), cuja proposta é o “de bem-estar completo”, o qual sofre com apontamentos sobre sua concretude; ou ainda em torno de um outro conceito fragmentado, aquele defendido pelo saber médico em que “saúde é vista apenas enquanto ausência de doenças” tendo como fundamentação somente o aspecto biológico do indivíduo, opondo saúde e doença.

Desejamos então a partir de tal análise construir ponderações sobre os conceitos, suas aplicações e alcance, não deixando de lado a forma como eles são repercutidos pelos meios de comunicação (aqui bem representados pela televisão, pelas revistas e jornais impressos e pela internet) e aceitos/assimilados/consumidos pelas pessoas. Por fim, para além desses conceitos mais conhecidos e disseminados pela mídia, adotados por concepções dentro da escola, voltamos nossas atenções, também, para os conceitos de **Salutogenia** e de **Saúde Coletiva**, que surgem como novas possibilidades de fundamentação quando nos referimos às novas abordagens sobre o tema da saúde na EFE.

Todos esses conceitos foram tratados e problematizados através de profícuo debate em oficina durante a IX Semana Acadêmica de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe. Tal espaço, disponibilizado para acadêmicos e professores da oficina, permitiu que acadêmicos de diferentes fases da formação (início, meio e fim), bem como professores da rede regular de ensino pudessem debater acerca da temática da saúde, tornando

o debate interessante e permitindo a construção de um saber em conjunto.

Em meio a essa problematização, apresentaremos a forma como a oficina foi inicialmente idealizada e realizada e como os conceitos foram trabalhados, permitindo que os objetivos propostos fossem alcançados. Apresentaremos as discussões e os relatos específicos da experiência realizada, para que sirvam de exemplo e motivação a novas propostas e ainda tantas outras vivências frente ao tema da saúde. Na sequência, portanto, destacamos algumas considerações, em forma de subtópicos, que procuram elucidar a experiência realizada.

## **BREVES CONSIDERAÇÕES CONCEITUAIS ACERCA DA SAÚDE COLETIVA E DA SALUTOGENIA**

Em nossa oficina tivemos como ponto de partida alguns conceitos mais usuais acerca da saúde, utilizados principalmente na EF por professores que ainda insistem em adotar uma visão objetiva e simples de uma questão complexa a qual entendemos ser a saúde. Diante dos inúmeros e variados aspectos envolvidos no cotidiano de seus alunos, tais professores acabam isolando diversos desses fatores e consideram apenas como relevantes, muitas das vezes, os aspectos biológicos e fisiológicos em suas propostas.

Frente a esse quadro, ao qual ainda podemos somar diversas concepções voltadas à adoção da saúde como tema em sala de aula, que fortalecem essa *visão biofisiológica de saúde* (que não deixa de ser relevante no que se refere ao tema), emerge a importância em se propor novas possibilidades de intervenções, e antes disso, da compreensão do que seja saúde e dos fatores da vida das pessoas que “penetram” nessa “equação”.

No entanto, achamos pertinente, neste momento, citarmos os **conceitos de saúde** que melhor representam os referenciais pautados nos aspectos biofisiológicos, tendo com isso a intenção de podermos compreender as mudanças ocorridas e também a título de construção contextual.

Primeiramente nos dirigimos ao conceito mais usual, este difundido pelo saber médico no qual saúde é concebida como ausência de doença, conceito que, por sua vez, parte da consideração de alguns poucos fatores (para não dizer apenas um, o biológico) quando analisa a condição do ser humano, deixando claro, portanto, que apenas as medidas do biológico e fisiológico do indivíduo seriam necessárias para determiná-lo, gerando a oposição entre “doente x saudável”.

O conceito de doença, por sua vez, foi construído a partir de uma redução do corpo humano, considerando os aspectos morfológicos e funcionais definidos pela anatomia e fisiologia. É nesse sentido, que surge uma primeira crença de que saúde pode ser expressada como ausência de doenças. (PALMA, ESTEVÃO, BAGRICHEVSKY, 2003, p.15-16)

Da mesma forma o processo de aceitação desse conceito, ao que parece é bem conveniente à indústria farmacêutica ou à “indústria da doença”, essa composta pelos planos de saúde, hospitais particulares, fabricantes de aparelhos usados em exames ou cirurgias e tantas outras esferas que tiram proveito do consumo cada vez maior de medicamentos, drogas, produtos e serviços relacionados ao alcance da saúde.

Cabe ressaltar, aqui, o significado da perspectiva biológica fortemente presente na compreensão do conceito “saúde”. O medicamento, ou qualquer outra fonte medicalizante de cura, só pode funcionar mediante o entendimento de que há em curso uma determinação biológica de causa e efeito. A própria noção de fatores de risco está atrelada a esta ideia. Em tal perspectiva, surgem análises reducionistas, as quais, por fim, levam a ação de “culpabilização” do indivíduo frente ao aparecimento de doenças que, em última instância, poderiam ter sido evitadas, ou ainda, à “naturalização” do processo de adoecimento. (PALMA, ESTEVÃO, BAGRICHEVSKY, 2003, p.18)

É apropriado compormos neste momento que é nessa mesma “indústria da doença” que podemos alocar os estimulantes aos consumos destes serviços e medicamentos voltados a manter ou retornar a saúde ao indivíduo, os conhecidos *fatores de riscos* são normalmente discutidos em qualquer conversa de adultos ou mesmo jovens impulsionados por apelos midiáticos feitos pelo governo ou mesmo instituição particulares e ainda pelos resultados/indicações médicas voltadas ao alcance da saúde das pessoas, propagados pela mídia em geral (consideremos, aqui, que a própria mídia também gera tais discursos, ela não faz só o “serviço” de “divulgação”, já que ela oferece programas televisivos, sites na internet, sessões em jornais e revistas que tratam dos “riscos” – obviamente com seus fins mercadológicos e publicitários!).

No entanto, tal discurso biomédico proferido pelos meios de comunicação age perante esse conceito de saúde em conformidade com o estímulo ao aumento da procura por consumir os serviços a tais produtos comercializados, fortalecendo com isso a chamada *mercantilização da saúde*, enquadrando-a como mais um produto perante tantos outros sob a ótica capitalista.

Um segundo conceito de saúde muito comentado na área da EF e em outras áreas também, traz uma saúde sob o ponto de vista da Organização Mundial da Saúde (OMS) pautado no bem-estar físico, mental e social. No entanto, esse conceito tem sofrido com inúmeras críticas sob a sua real possibilidade de concretude de alcance, a partir do momento que engloba diversas variáveis e traça como meta o “completo bem-estar” sendo que nem todos os fatores estão sob o domínio direto do indivíduo ou mesmo são passíveis de controle, como por exemplo, a questão social e da coletividade em geral. Como afirmam Palma, Estevão, Bagrichevsky (2003, p.19), esta definição é uma forma implícita de indicar a impossibilidade de se alcançar tal meta, uma vez que esbarra com uma dificuldade de se atingir um “completo bem-estar”.

Contudo, como parte de nossa proposta, expusemos tam-

bém esse conceito da OMS, que aparentemente, aponta um avanço em direção a conceber saúde de uma maneira mais completa, mas que no entanto, encontra obstáculos para ir além da conceituação à instauração do proposto.

Após falarmos de maneira superficial dos mais usuais conceitos de saúde, deixamos claro que o tema *saúde* é compreendido por nós, como algo que envolve diversas variáveis a serem consideradas, diferindo-se assim dos conceitos de saúde adotados por muitas concepções atuantes e hegemônicas na EF e que partilham de um discurso em que somente características biológicas e fisiológicas compõem uma relação com o conceito de saúde.

Inicialmente partimos da ideia que inúmeras questões como moradia, alimentação, estresse, condição econômica, socialização, entre tantos outros, também sejam fatores penetrantes e responsáveis pela saúde das pessoas. (BRASIL, 2002)

Dentro deste tema preconizamos pela abordagem advinda do *campo da Saúde Coletiva*, justamente por essa área se notabilizar em agrupar diversos conhecimentos no âmbito histórico, cultural e socioeconômico com a finalidade de possibilitar uma interpretação melhor elaborada e mais coerente com a complexidade do processo saúde-doença do sujeito em si ou da sociedade em geral, entendendo então que, conforme explicita Luz (2007, p.20):

Saúde Coletiva é compreendida como um campo de saberes e de práticas que toma como objeto as necessidades sociais de saúde, com intuito de construir possibilidades interpretativas e explicativas dos fenômenos relativos ao processo saúde-doença, visando a ampliar significados e formas de intervenção.

O principal elemento dessa concepção e que deve ser entendido quando pensada nas aulas de EF é a fundamentação das Ciências Sociais e Humanas, influenciando assim em pautar-se no saber/fazer e refletir da saúde das pessoas, informando, estimulando o desenvolvimento de práticas, mas ao mesmo tem-

po refletindo sobre as informações recebidas e as intervenções adotadas, analisando a possibilidade de incorporação dessas informações e hábitos como parte dos seus respectivos contextos, fomentando assim construções significativas e coerentes, diferindo portanto, de abordagens arbitrárias que insistem em introduzir saberes e atividades descontextualizadas.

Outro ponto se refere ao entendimento do professor de EFE como um profissional da área da saúde propriamente dito com vistas a interferir não somente com a formulação de planos de exercícios superficiais que não considerem a realidade dos seus alunos, a compreensão é que sejamos atuantes no universo da educação em saúde, da busca por uma leitura e interpretação do contexto no qual está inserido aquele aluno, provocando assim mudanças na forma de intervir, seja na escolha do conteúdo e da forma com que será trabalhado o tema, ou, ainda, das práticas corporais implementadas. Desta forma o objetivo é aproximar ao máximo o professor da realidade do aluno, possibilitando assim uma abordagem do tema saúde de maneira mais significativa e integral, coerente, portanto, contextualizada.

É importante nesse momento ressaltarmos que quando nos referimos à ideia de *práticas corporais*, esta se destina a promover uma alteração na abordagem do movimento humano a medida que esse deva nessa concepção de práticas corporais defender a exploração dos significados e sentidos atrelados aos movimentos, dentro da cultura corporal/cultura de movimento em que está inserido, propondo a interpretação, o sentir e o explorar das múltiplas facetas oriundas do movimento humano, entre as quais estão as feições biológica, fisiológica, psicológica, emocional, cultural, etc.

É freqüente propormos a atividade física de uma forma um tanto mecânica: andar, correr, nadar, fazer ginástica, como se o corpo fosse um objeto, uma máquina, um mecanismo similar ao relógio. Movimentar-se, entretanto, pressupõe conhecer limites e possibilidades na dimensão física, biológica, mas também intelectual, emocional e afetiva que determina, por sua vez, a sub-

jetividade da pessoa. Enquanto nos movimentamos pensamos, sentimos, inventamos e recriamos a vida. [...] as práticas corporais, compreendidas como manifestações da cultura corporal de determinado grupo carregam significados que as pessoas lhe atribuem. (CARVALHO, 2007, p.65)

Da mesma forma que o conceito de *Saúde Coletiva* e a proposta das *práticas corporais* voltada ao movimento humano, há ainda um outro conceito importante que fora adotado por nós nessa concepção de saúde, este fora o conceito de *Salutogenia* voltado à atuação do profissional de saúde devendo esse preconizar por atuar em prol da valoração dos “fatores que mantêm as pessoas saudáveis” em detrimento daqueles exaltados “fatores de risco” que compõe o discurso biomédico, pautado no amedrontamento do indivíduo e no seu comedimento a fim de não ser enquadrado em grupos considerados de risco.

Ainda tratando da concepção salutogênica, essa se baseia na ideia do “senso de coerência”, aqui entendido na perspectiva do indivíduo manter-se em equilíbrio mediante fatores internos e externos, como por exemplo, numa “balança cotidiana” em que são equilibrados inúmeros elementos positivos e negativos: o estresse diário, os problemas de renda, a relação social com amigos, família, vizinhança, a profissão, os estudos, a cobrança profissional e familiar, sendo que entre esses elementos a figura da convicção que o sujeito tem de melhora nas condições de vida (se esta não o agrada) ou a estabilidade (se já conquistou o que almejava) interferem diretamente no que cada um de nós entende por “saúde”.

## **SAÚDE, MÍDIA E EDUCAÇÃO FÍSICA: TENSÕES E OBJETIVOS DA EXPERIÊNCIA**

Neste momento buscamos apresentar a discussão oportunizada pela oficina a respeito de Saúde Coletiva, mídia e EF, durante o primeiro dia de sua realização. Antes disso, pensamos ser necessário reforçar, rapidamente, os nossos objetivos a ser-

em construídos e alcançados pelos participantes no decorrer da realização da oficina.

Inicialmente, pensamos em abordar os principais conceitos de saúde já construídos, incluindo o defendido pela Organização Mundial de Saúde (OMS), de “bem-estar completo”, assim como também discutir a relação causal entre exercício físico e saúde, e discutir sobre a interferência da mídia nessa questão central com a finalidade de proporcionar aos participantes a oportunidade de refletir em busca da ampliação do “olhar” e entendimento sobre um assunto comumente tratado na área da EF que, no entanto, muitas vezes é tratado de maneira a priorizar os aspectos biológicos em detrimento dos aspectos socioculturais.

Por vezes, ao abordar a discussão “Exercício físico x saúde”, utilizamo-nos de trechos de algumas obras atuais na área da EF que enfatizam essa dualidade, pois, nelas, ainda pode-se notar claramente um discurso no qual saúde se confunde com *forma corporal*.

Outro ponto que foi pensado para realização da oficina foi em torno da “salutogenia x patogenia” nas práticas voltadas à saúde, ou seja, aquelas questões que abordam os *fatores de proteção da saúde*, contextualizando-os no sentido de refletir sobre o que mantém as pessoas saudáveis, sem enfatizar – como geralmente ocorre – os fatores patogênicos, isto é, os *fatores de risco* que levam as pessoas a ficarem doentes e ainda a proposições do recente campo da Saúde Coletiva que pode fomentar inúmeras possibilidades à EF referente ao tema saúde dentro e fora do ambiente escolar.

Visto tais objetivos especulados pelo grupo LaboMídia/UFS, construímos as discussões sobre Saúde Coletiva, Mídia e EF que possibilitassem maiores vivências dos interessados com a temática, que aproximasse o discurso sobre saúde com fatores do dia a dia de cada um dos participantes da oficina. Além disso, o caminho a ser percorrido, do senso comum ao senso crítico, é um caminho bem mais “curto” se for oportunizado o diálogo vivo. Eis que surge a ideia de construir uma oficina sobre saúde, perpassando pelas questões midiáticas, tendo como objeto a própria EF.

A oficina, que teve como principal objetivo *oportunizar e ampliar os olhares dos participantes acerca do tema “saúde, mídia e Educação Física”*, a princípio, instigou os participantes a formular possíveis respostas à questão: o que é saúde? Por ser compreendida como uma fácil e simples pergunta os integrantes da oficina responderam sem muito acanhamento a essa questão. As suas respostas se diferenciavam de um integrante para o outro. Por exemplo: “A” disse – “Pra mim, saúde é estar bem fisiologicamente, psicologicamente e socialmente”. “B” – “Saúde é uma relação harmônica entre o organismo, a mente e as pessoas em nossa volta”.

Inicialmente, foram observados que a maioria dos participantes possuía o mesmo conceito sobre saúde, estes que representam, em certa medida, os conceitos defendidos pelo campo biomédico, pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e muito bem reforçados pelos meios de comunicação. No entanto, em algumas poucas falas pudemos observar ressalvas sobre os *determinantes sociais de saúde*, surgidas de forma mais tímidas para conceituar ou definir o termo saúde.

Visto que a maioria da turma que integrava a oficina compartilhava do mesmo conceito sobre saúde, mas que alguns já apontavam novas maneiras/interpretações, e todos demonstravam curiosidade sobre as novas possibilidades de se compreender esse tema, nós, orientadores da oficina, passamos a apresentar os diferentes conceitos e comparar com aqueles inicialmente definidos pelos participantes. Assim, fazíamos perceber de onde eles haviam “tirado” aqueles conceitos, o que ficou mais claro quando apresentamos alguns discursos de revistas famosas, novelas e programas de televisão que abordam o tema saúde, reforçando os referidos conceitos.

O primeiro, como já situamos anteriormente, diz respeito ao que o campo biomédico divulga sobre saúde, “recheado” de discursos científicos, especialmente, das ciências positivas, que norteiam mais a questão da doença do que a própria saúde. Assim esse conceito que se divulgava acerca da doença se construía a partir da redução do corpo humano aos “aspectos morfológicos

e funcionais definidos pela anatomia e fisiologia” (PALMA, ESTEVÃO, BAGRICHEVSKY, 2003, p. 15-16).

Esta questão conceitual agrava-se ainda mais quando percebemos que estes conceitos são formulados e reforçados por influências da indústria farmacêutica que objetivam vantagens na venda de remédios para a cura das doenças. Nesse sentido, intensificam-se a ideia de que saúde só pode ser obtida na ausência de doenças. E, além disso, percebemos que o agravamento se aprofunda quando os discursos vão criando novas doenças para gerar e ampliar o mercado das indústrias de remédios, conforme podemos observar nas considerações de Palma, Estevão, Bagrichevsky (2003, p.17) em que “o processo de medicalização que, mesmo sendo capaz de ajudar os pacientes, também criam novos mercados para as drogas”, esses mesmos autores indicam que, justamente por isso devemos pensar e discutir o papel das indústrias farmacêuticas na definição dessas novas doenças.

A mesma função, de pensar e discutir o papel da definição do termo saúde também deve ser voltado para o discurso elaborado pela OMS, pois ela difundiu uma ideia sobre saúde que muito dificilmente pode ser alcançada, sendo materializada na frase “saúde é um estado completo de bem estar físico, mental e social e não apenas a ausência ou de doença enfermidade” (LEWIS, 1986, p. 1100 *apud* PALMA, ESTEVÃO, BAGRICHEVSKY, 2003, p.18-9).

A fomentação desses conceitos aparenta desenvolver alguns problemas, segundo Palma, Estevão, Bagrichevsky (2003, p. 20) elencam:

- a) o foco centra-se na doença; b) a culpabilização do indivíduo; c) a crença na possibilidade de resolução encerrando-se uma suposta causa; a qual recai o processo de medicalização; d) a naturalização as doença; e) e o ceticismo em relação a contribuição de diferentes saberes para auxiliar na compreensão dos fenômenos relacionados a saúde.

Além desses problemas elencados também se apresenta

a relação “saúde *versus* exercício físico” como fator responsável por prevenir, manter e promover a saúde. Este, junto aos remédios, somam-se aos motivos que levam à culpabilização, medicalização e ao consumismo cada vez maior e gerador de lucros para a indústria farmacêutica.

Além dessa indústria farmacêutica, os lucros também são remetidos à mídia, pois ela se apropria desses discursos para comercializar remédios, drogas e outros produtos que além de prometerem curar as doenças, prometem corpos belos, fortes e bronzeados (corpos modernos? esses mesmos corpos de atores e atrizes de novelas e de cinema? de capas de revistas?). Este discurso que modifica ou acrescenta a esteticidade nas formas de ser/estar saudável, acaba complexificando e mercantilizando ainda mais as condições para um sujeito/cidadão “ser saudável” ou *estar com saúde*.

Podemos pensar também, que se em um momento a mídia estimula o consumo de produtos que “vão contra a saúde”, num segundo momento esse mesmo veículo transmite as soluções aos problemas causados pelos produtos consumidos anunciados anteriormente. Como exemplo, podemos citar o estímulo presente nas propagandas de redes de *fastfood* que promovem a venda de comidas prontas, no entanto, mais calóricas e ricas em sódio, pobres em nutrientes e vitaminas. Por outro lado, em horários pertinentes, essa mesma mídia colocará à disposição do telespectador o exercício físico sob o *slogan* de uma determinada marca de produto auxiliar à atividade, ou uma propaganda voltada para a saúde, ou a forma estética do indivíduo.

Assim como lembra Lefèvre (1991) citado por Palma, Estevão, Bagrichevsky (2003, p.18) “a saúde está sempre associada a bens de consumo que objetivam promover a própria saúde”. Desse modo os autores ressaltam que a saúde torna-se um produto à venda no mercado, sendo assim segue-se a lógica mercantilista e por isso só teria sentido quando acoplada a “condições negativas, ou seja, à doença, à morte, à dor, ao desprazer, à fraqueza, ou à feiura.” (Op. cit.)

Frente a esses conceitos e seus problemas, apresenta-se

à EF, ou melhor, ao professor de EF, como o protagonista em mediar os referidos conhecimentos acerca da temática, tratando pedagogicamente de tal questão, sem cair em reducionismos e sem deixar de considerar abordagens críticas que problematizam questões atuais e recorrentes sobre saúde naquilo pertinente à EF escolar.

## **INTERVENÇÃO PAUTADA NA SAÚDE COLETIVA E NA SALUTOGENIA: PRIMEIROS MOMENTOS, TENSÕES E VIVÊNCIAS**

Durante a oficina, tivemos a experiência de debruçar sobre os conceitos mais utilizados sobre saúde e assim conhecer outras pessoas (alunos) da EF que tinham seus conceitos enraizados e concretizados pelas suas experiências de vida, concepções e signos, além de suas leituras sobre o tema saúde. Com isso, a oficina teve uma importância fundamental no leque de opções que foram discutidas e apresentados para os estudantes presentes. Lembrando que o nível de saúde também é decorrente da estratificação social que configura determinado contexto ou território e que determina a distribuição desigual de alguns fatores que produzem a saúde.

Já no primeiro dia da oficina, foram discutidos os principais conceitos de saúde e como a mídia influenciava na(s) concepção(ões) de saúde. Pudemos observar que *o conceito sobre saúde da maioria dos presentes depende bastante do que se vê ou lê na mídia e que o sinônimo de beleza colocado nos meios de comunicação é aceito pela maioria da população* e também pelos participantes da oficina, principalmente aqueles que estavam iniciando o curso de EF.

A indústria corporal através dos meios de comunicação encarrega-se de criar desejos e reforçar imagens, padronizando corpos. Corpos que se vêem fora de medidas, sentem-se cobrados e insatisfeitos; isso se dá principalmente pela mídia, que veicula abundantemente corpos atraentes e seminus, e conseqüentemente faz com que uma parte de nossa sociedade se lance na busca de uma aparência física “ideal”. Lembrando que o corpo



perfeito é associado à ideia de consumo e em alguns casos se transforma no objeto valorizado pelo mercado consumista.

É importante frisar que no final do primeiro dia, os participantes já começaram a entender melhor os conceitos utilizados na oficina e assim aumentaram as suas participações nos debates e interrogações expostas pelosicineiros e, com isso, demonstraram uma melhor elaboração e construção das ideias sobre o tema da oficina.

Para oportunizar um entendimento mais significativo do que foi proposto durante o primeiro dia de oficina, propusemos a realização de uma tarefa, esta correspondendo à nossa primeira intervenção prática no que diz respeito a procurar concretizar todo o debate exercido durante aquela manhã.

A atividade proposta seria fictícia. Após a formação de grupos que foram munidos de valores de salários sorteados em envelopes, a tarefa prosseguiu da seguinte maneira: a turma deveria realizar compras de itens básicos utilizados no dia a dia das pessoas, como por exemplo, alimentação, educação, moradia e tantos outros elementos que foram insistentemente abordados durante a manhã como partícipes direto da saúde dos indivíduos.

A construção teve como objetivo demonstrar que o acesso a serviços e produtos relacionados à saúde estão interligados com a condição socioeconômica dos sujeitos, pois a partir do momento que não se pode “consumir” melhores condições de vida, estas impactam na vida das pessoas, seja através de fatores psicológicos, fisiológicos, culturais entre outros.

Depois da conclusão da tarefa, pudemos colher explicações sobre as escolhas e através destas exposições tentamos compreender o andamento da oficina.

Concluimos que essa experiência prática teve seu objetivo alcançado e foi realizada de maneira imensamente satisfatória, na qual fora possível perceber o envolvimento dos alunos e a compreensão do exposto bastante discutido naquele primeiro dia da oficina. Além disso, conseguimos perceber a possibilidade dos participantes de conseguirem desenvolver concretamente, embora de maneira simples, o que foi tratado sobre o tema saúde.

Já no segundo dia da oficina foi pensado pela equipe deicineiros um momento mais prático do curso; foram apresentados alguns slides com comentários dos participantes e logo em seguida um filme para ilustrar e compreender melhor os conceitos expostos na oficina. Na verdade é fundamental salientar que o desenvolvimento da *promoção de saúde* se inicia com uma mudança do conceito de saúde; assim, ao tratar de saúde não se ressalta somente a cobertura e acesso aos serviços de saúde, mas, também as inter-relações sociais.

Vale a pena lembrar que a influência da mídia depende das recepções ou apropriações de seus públicos, isso porque existe um processo de aferição de assistência, de pesquisa de mercado e outras formas que a mídia adapta-se aos públicos para conservá-los e, se possível, aumentá-los; é um mundo de negócios que devem apenas render lucros.

Certamente, existem muitas formas de tratar os aspectos sobre o tema, mas a equipe terminou o curso com duas situações que trouxeram um grande enriquecimento e uma participação concisa dos alunos, pois a motivação na elaboração das tarefas foi rápida e bem discutida em sala de aula.

No primeiro momento foi repassada uma lista para grupos que continha valores de compra para ser gasto pela equipe; situações de compra que se referia à saúde de uma forma geral (como: moradia, alimentação, saneamento básico, lazer e outros itens). Logo depois foi disponibilizado a cada um dos integrantes da oficina um texto (publicado em 2011 no periódico *Cadernos de Formação do CBCE*, de autoria de Bilibio e Damico, intitulado “Carta a um jovem professor”), e em seguida, confeccionada uma carta individualmente, com suas vivências e experiências sobre o tema saúde e que a oficina tinha lhe proporcionado para essa compreensão.

Por fim, pudemos verificar que *a visão sobre a saúde foi bastante ampliada*, porque os sujeitos participantes, pelo que foi escrito em seus textos e nas suas argumentações, inclusive de avaliação da própria oficina, consideraram avanços em relação à questão da *saúde*, porque viram que ela, agora, também tem a ver

com a comunidade, com a política, com a cultura, e não só com o biológico, ou seja, conseguiram visualizar que há, no conjunto do que seja saúde, uma inter-relação com *determinantes sociais de saúde* que impacta na “conceituação” e na maneira “prática” de se pensar/fazer sobre saúde, seja na vida pessoal, acadêmica ou profissional.

## **INTERVENÇÃO PAUTADA NA SAÚDE COLETIVA E NA SALUTOGENIA: OUTRAS POSSIBILIDADES E CONSTRUÇÕES DEDICADAS AO TEMA SAÚDE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Este é mais um momento que procuramos compartilhar das experiências obtidas pela idealização e realização da oficina que buscou acrescentar aos conhecimentos e reflexões dos participantes, das relações que envolve a temática saúde, mídia e os desdobramentos nas aulas de EFE, momentos construídos especificamente durante o desenvolvimento no segundo e último dia da oficina.

Tendo em mente o fato de que o uso de recursos tecnológicos vem auxiliar a prática pedagógica de professores que buscam nestes instrumentos meios favoráveis para o desenvolvimento intelectual dos alunos, selecionamos um filme para ilustrar os conceitos sobre saúde trabalhados no primeiro dia da oficina.

Defendemos a ideia de que o uso do cinema, no processo educativo, é uma possibilidade que estimula a produção e construção de novos conhecimentos, uma vez que os filmes têm o poder de representar e reconstruir a realidade, mesmo que a partir da visão de um grupo reduzido, seja do roteirista, do produtor, do ator ou até de um determinado e específico contexto cultural (como o cinema hollywoodiano, o cinema “Cult” europeu, o cinema latino-americano ou ainda o cinema oriental).

Os filmes mostram situações-problemas e apresentam “soluções” que podem ser idealista, otimista, pessimista ou niilista. Mas são situações que se tornam “reais” no momento de exibição provocando os mais varia-

dos sentimentos no público: identidade, incredulidade, negação, aprendizado e catarse. Isso em decorrência daquela impressão de realidade (SETTON, 2004, p.56).

Para tanto, o filme escolhido que foi exibido na oficina foi o mexicano intitulado “Maus Hábitos”. Vários personagens problemáticos envolvem a trama. O caso da anoréxica Elena é o mais evidente, quando ela se demonstra perfeccionista ao ponto de apostar várias tentativas diferentes para conseguir fazer com que sua filha emagreça e se encaixe no perfil de mulher magra, pois, de acordo com ela, “ninguém gosta de gordos”.

O personagem de Matilde, cunhada de Elena, também nos traz uma estória marcante no filme. Matilde é uma médica que se torna freira e começa a fazer sacrifícios alimentares para que suas preces sejam ouvidas. Reza a Deus para que um parente seu fosse curado e para que parasse de chover, pois, as enchentes estavam provocando muitas mortes. Entre os seus sacrifícios, estavam as práticas de jejuar, tomar vinagre como se fosse água e ingerir comidas estupidamente salgadas ou obtidas no lixo. Tinha alucinações, talvez, pelo fato de estar muito tempo sem comer nada.

A partir dessas e outras estórias abordadas no filme, discutimos na oficina sobre a questão da saúde em relação aos aspectos religiosos, a mídia, ao estereótipo de corpo “ideal”, aos fatores psicológicos e sociais (psicossociais). Com relação à mídia, instigamos uma reflexão por parte dos participantes da oficina no que diz respeito à *corpolatria* (termo que faz alusão ao culto ao corpo). Ainda assim, o filme também serviu como um instrumento de avaliação do que foi apreendido no primeiro dia, ao alertá-los que a saúde não envolve apenas o aspecto biológico/fisiológico, mas também, diversas outras variáveis (modos e condições de vida).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A proposta da oficina que visava ampliar os conhecimentos e as reflexões dos participantes, ou pelo menos, instigá-los a pesquisar e compreender assim novas formas de se tratar o tema “saúde” nas aulas de EF, trabalhou com diferentes pontos de vista, a priori, já apresentando a amplitude dos conhecimentos e reflexões que a temática permite.

Se considerarmos a EF como uma disciplina curricular preocupada com a construção de um indivíduo crítico, autônomo e emancipado em relação aos conhecimentos de que tratam essa área, compreendemos que os profissionais precisam se esforçar, assim como se fosse um pesquisador para apontar a diversidade e a complexidade dos conhecimentos da EF, na tentativa de possibilitar o alcance dos objetivos educacionais.

Foi justamente o reconhecimento dessa diversidade e complexidade dos assuntos contemplados como temas da EFE, que buscamos suscitar junto aos participantes da oficina “Saúde, Mídia e Educação Física” tratando especificamente do tema saúde. Ainda visto essa pluralidade, buscamos apresentá-la, ou melhor, debatê-la de forma que a complexidade fosse vista como uma necessidade e instrumento de ampliação de olhares acerca dos conteúdos/temas, e não como uma forma que pudesse inviabilizar ou dificultar o processo de ensino e aprendizagem dos conteúdos da EF.

Ainda nesse sentido da pluralidade, construímos esse texto coletivamente para compartilhar nossa experiência na idealização e realização da oficina, como uma forma de expandir e fomentar as necessidades, bem como as diversas possibilidades de trabalhar com todos os conteúdos da EF e não somente a “saúde”. Além dessa tentativa de expandir e fomentar, buscamos também oportunizar outros debates, outras críticas com os leitores desse texto, pois isso, além de necessário, é extremamente importante para o aprofundamento e conscientização acerca do tema.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde.

Projeto Promoção da Saúde. **As Cartas da Promoção da Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

CASTELLANI FILHO, L.; SOARES, C.L.; TAFFAREL, C.N.Z.; VARJAL, E.; ESCOBAR, M.O.; BRACHT, V.. **Metodologia do ensino de Educação Física**. 2ª ed. rev. São Paulo: Cortez, 2009.

CARVALHO, Y. Práticas corporais e comunidade: um projeto de educação física no Centro de Saúde Escola Samuel B. Pessoa (Universidade de São Paulo). *In*: FRAGA, A.B.; WACHS, F. (Org.). **Educação física e saúde coletiva**: políticas de formação e perspectivas de intervenção. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p.63-72.

LUZ, M.T. **Novos saberes e práticas em Saúde Coletiva**: Estudos sobre racionalidades médicas e atividades corporais. 3º Edição. São Paulo: Hucitec, 2007.

MEZZARROBA, C. Saúde na Educação Física: compreensões, reflexões e perspectivas a partir de um conceito amplo de saúde. *In*: ZOBOLI, F.; DANTAS JUNIOR, H.S.; KUNH, R. (Org.). **Educação física, esporte e sociedade**: temas emergentes vol. 5. São Cristovão: Editora UFS, 2012, p.25-42.

PALMA, A.; ESTEVÃO, A.; BAGRICHEVSKY, M.. Considerações teóricas acerca das questões relacionadas à promoção da saúde. *In*: BAGRICHEVSKY, M.; PALMA, A.; ESTEVÃO, A. (Orgs.). **A saúde em debate na Educação Física volume 1**. Blumenau: Edibes, 2003, p.15-32.

SETTON, M. da G.J. (Org.). **A Cultura da Mídia na Escola**: ensaios sobre cinema e educação. São Paulo: Annablume: USP, 2004.